

Literatura Italiana Traduzida no Brasil é uma pesquisa de amplas dimensões e longa duração desenvolvida pela Universidade Federal de Santa Catarina em parceria com a Universidade de São Paulo, iniciada em 2010 e em andamento. O objetivo é o mapeamento e o estudo das obras de literatura italiana traduzidas e publicadas no Brasil. Os painéis e livros aqui apresentados estão distribuídos em percursos temáticos, que traçam as tendências dos principais fluxos históricos e artísticos identificados durante a pesquisa. Eles retratam, ainda, sincrônica e transversalmente, o intenso diálogo entre dois sistemas literários, o italiano e o brasileiro, e expressão de culturas tão estreitamente ligadas. Faz parte deste projeto o agora dicionário bibliográfico *online* de literatura italiana traduzida no Brasil, que pode ser acessado no endereço www.dlit.ufsc.br. Nele, é possível consultar o inteiro arquivo de dados, fruto desta pesquisa.



Literatura Italiana Traduzida no Brasil



Andrea Santurbano
Caroline Weiss
Francisco Degani
Lucia Wataghin
Maria Luiza dos Anjos
Mariele Lúcia Tortelli
Patricia Peterle
(Orgs.)

Literatura Italiana Traduzida no Brasil

Florianópolis | 2019
Visite o site dlit.ufsc.br

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

L776

Literatura italiana traduzida no Brasil /
Andrea Santurbano (Orgs.)...[et al.]. –
Florianópolis : CCE/UFSC, 2019.
40 p. : ils.

ISBN 978-85-8431-033-3

1. Literatura italiana. 2. Tradução e
interpretação na literatura. I. Santurbano,
Andrea.

CDU: 850

Índice

Apresentação	4
Os best-sellers	8
Caroline Weiss Clara Andrade de Souza Vieira	
Os long-sellers	10
Iago Bruno Monteiro dos Santos Victor Rafael Gonçalves Bento	
Literatura infanto-juvenil	12
Dayana Loverro Maria Amélia Dionísio	
Poesia	16
Patricia Peterle Luiza Kaviski Faccio Iago Bruno Monteiro dos Santos	
Literatura, Cinema e TV	18
Laura Ferreira Marika Avezzù	
Literatura e quadrinhos	20
Dayana Loverro	
Literatura e Guerra	24
Patricia Peterle Helena Bressan Carminati Fabiana V. Assini	
Romances policiais	28
Laura Ferreira Mariele Lúcia Tortelli	
Literatura e teatro	30
Leila Marangon Gislene Ribeiro Francisco Degani	
Literatura e fantasia	32
Rodrigo Moreira da Silva	
Because my name is... Giorgio	34
Andrea Santurbano Lucas de Souza Serafim	
Literatura e migração	36
Adriana Marcolini	
Elas na literatura	38
Lucia Wataghin Sara Debenedetti	

Apresentação

O **Dicionário da Literatura Italiana Traduzida** é fruto da pesquisa das equipes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade de São Paulo (USP), coordenadas pelos professores Patricia Peterle (UFSC), Andrea Santurbano (UFSC) e Lucia Wataghin (USP), empenhados, desde 2010, em um projeto de amplas dimensões e longa duração.

Nosso ponto de partida é a literatura traduzida, pensada como “sistema” literário, como um dos vários cossistemas que formam o complexo “sistema de sistemas”, que é a “cultura”, ou que formam o “polissistema” que constitui o universo literário – no nosso caso, o brasileiro. A literatura traduzida se torna parte integrante da cultura que a acolhe.

Tradução é reescrita, manipulação de um texto original, a tradução “manipula” a literatura para que ela circule, dialogue e produza encontros.

Nossa pesquisa se desenvolve em torno de algumas perguntas fundamentais: em que modo e em que medida as obras da literatura traduzida se relacionam com o ambiente de chegada, a cultura e a literatura brasileiras? Quais são os critérios de seleção das obras a serem traduzidas? Como podem ser descritas as relações do mundo literário com as forças políticas, econômicas, sociais que decidem, estimulam ou se opõem à fortuna de determinadas obras e ideias, promovendo ou não sua divulgação? Há uma relação direta entre as hierarquias estabelecidas nos cânones da literatura de partida e aquelas da literatura que a recebe? Ou há – como parece mais provável – uma flutuação que depende das numerosas variantes que intervêm no processo de transposição entre os vários mercados? Os elementos que constroem o cânone no ambiente de chegada são muitos e têm importância variável, de acordo com as diferentes circunstâncias em que são realizadas a seleção, a tradução, a publicação das obras. É preciso considerar o prestígio e o alcance das editoras, o trabalho de críticos, professores, jornalistas, editores, tradutores, formadores de opinião que trabalham em todas as sedes da indústria cultural.

A primeira fase do projeto, 2010-2014, contou com apoio do CNPq (processo nº 400500/2010-8, 2010-2013). Nesse momento foi

realizada a criação de um dicionário eletrônico das obras da literatura italiana traduzida no Brasil. Nessa base de dados foram inseridas todas as obras da literatura italiana traduzida no Brasil até 1950 que puderam ser encontradas pelos pesquisadores em bibliotecas, acervos pessoais e livrarias virtuais (do mercado de livros usados). Uma boa parte dos livros identificados, alguns deles raros, foi adquirida com o apoio dado pelo CNPq. Tendo por objetivo a máxima exatidão, objetividade e clareza, o grupo optou por cadastrar apenas livros fisicamente acessíveis aos pesquisadores.

A segunda fase, foi realizada entre 2014-2016, com apoio da FAPESP (processo nº 2013/20971-0). Nesse período o projeto contou com mais dois novos coordenadores, a profa. Silvana De Gaspari, corresponsável pela equipe de pesquisadores da UFSC, e o prof. José Fernando Modesto da Silva, da ECA/USP. Nessa fase, foram coletados dados sobre obras traduzidas de 1951 até os nossos dias.

A terceira fase, iniciada em 2017, tem como objetivo juntar as duas bases de dados, em um site único e definitivo, para que essa cartografia possa ser cada vez mais uma referência da produção literária italiana traduzida no Brasil: <http://www.dlit.ufsc.br>. O projeto, ora em andamento, está revendo os dados já lançados e atualizando-os, enquanto a pesquisa avança no sentido de continuar cadastrando lançamentos de obras italianas traduzidas no Brasil. Nos verbetes, além dos dados básicos, tais como autor, título da obra traduzida, título original, ano de publicação da tradução, nome(s) do(s) tradutor(es), cidade da editora e nome da editora, o site assinala também, quando for o caso, a presença de prefácios, posfácios, introduções e seus respectivos autores, reunindo portanto, em um único endereço eletrônico, pela primeira vez, um conjunto de informações preciosas para o mapeamento da literatura italiana traduzida no Brasil.

As páginas seguintes reproduzem os textos dos painéis elaborados pelos pesquisadores do projeto para a realização da segunda mostra, que contou com o apoio do edital Probolsa e Procultura | 2019, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Núcleo de Estudos Contemporâneos de Literatura Italiana | NECLIT

O NECLIT é um espaço de estudo e debates sobre a literatura italiana moderna e contemporânea, que desenvolve suas pesquisas numa perspectiva transdisciplinar, em diálogo com outros campos das ciências humanas como antropologia, filosofia, sociologia. As atividades de pesquisa se concentram no âmbito da literatura italiana e sua relação com o pensamento crítico. Nos últimos anos, foram organizados congressos internacionais com problemáticas específicas e cruciais para o nosso momento histórico: *Resíduos do humano* (2016); *Contemporaneidades na/da Literatura Italiana* (2017); *Anacronias na/da literatura italiana e movimentos possíveis* (2018). As pesquisas, discussões e os debates em 2018 culminaram na elaboração do projeto “Literatura e arte no pensamento italiano contemporâneo”, aprovado pelo Edital Escola de Altos Estudos – CAPES (Edital 14/2018 CAPES 88881.198177/2018-01), realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC e pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas da USP. Maiores informações sobre as atividades e projetos do NECLIT estão disponíveis em: <http://www.neclit.ufsc.br>.

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura Italiana e Tradução | GEPLIT USP

O GEPLIT USP é um ambiente de discussões sobre literatura italiana traduzida no Brasil e literatura brasileira traduzida na Itália, atuante na promoção de cursos de extensão, reuniões de estudos e encontros para trocas de experiências científicas, como as Jornadas Paulistas de Literatura Traduzida. Com membros da Universidade de São Paulo (USP), o grupo conta também com integrantes de outras universidades brasileiras, como a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mantendo ainda colaborações com professores de universidades estrangeiras. Desenvolve variados projetos em parceria com a Universidade Federal de Santa Ca-

tarina (UFSC), representada pelo NECLIT, como a colaboração no blog Literatura Italiana traduzida no Brasil e a promoção conjunta de eventos acadêmicos. A programação desenvolvida pelo grupo é divulgada, principalmente, pelo site (<http://www.geplit.ffch.usp.br>) e pelas redes sociais (<http://www.facebook.com/geplit.usp>).

Os best-sellers

Ao pensarmos nos best-sellers traduzidos, a Literatura italiana tem grande relevância no mercado literário brasileiro e conta com sucessos que podem ir do livro mais clássico ao mais contemporâneo. Como destaque de vendas dos últimos anos temos autores como: Elena Ferrante, Italo Calvino, Umberto Eco e Roberto Saviano.

Um nome já consolidado no mercado nacional é Umberto Eco (1932 – 2016), tendo todos os seus sete romances publicados no Brasil. Eco foi um grande intelectual, escritor e filósofo italiano, autor de *O nome da rosa*, de 1980, um dos maiores fenômenos literários das últimas décadas. Por conta de tamanha repercussão positiva, a obra ganhou uma versão cinematográfica em 1986. Poucos anos depois, o escritor publica *O Pêndulo de Foucault*, um trabalho que reúne desde o mundo dos signos até a síndrome do final do milênio, abordando também o ocultismo. É interessante constar que o próprio autor exerceu trabalhos como tradutor, o que de certa forma demonstra a importância da tradução em sua construção interdisciplinar.

Outro escritor italiano importante do século que também se mostrou atento ao grande papel do tradutor foi Italo Calvino (1923 - 1985). Em 1982 chega ao Brasil a primeira edição de *Se um viajante numa noite de inverno*, uma das obras experimentais do autor. O livro é no mínimo intrigante, já que logo nas primeiras linhas o narrador se dirige diretamente ao próprio leitor. As páginas seguintes, que dão a busca incessante de um Leitor e de uma Leitora pela continuação de um romance, formam a moldura cambiante da história. Além do forte jogo com o leitor, a questão da tradução está presente, considerando que algumas das continuações da narrativa encontradas pelo Leitor passaram pelas



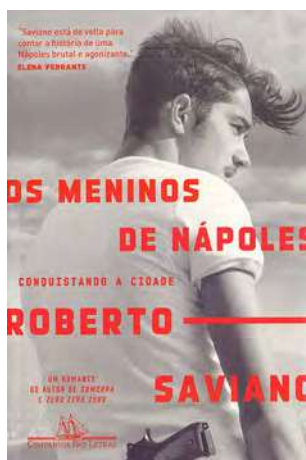


mãos de um tradutor. Seu mais conhecido livro no Brasil é *As cidades invisíveis* (1990 e 2003), com tradução de Diogo Mainardi.

Os mais atentos aos sucessos de venda devem ter notado o destaque do nome Elena Ferrante, o pseudônimo de uma escritora italiana que não revela sua identidade. Uma das especulações sobre ela (se é que podemos de fato supor seu gênero) é que nasceu em Nápoles, paisagem que predomina na maioria de seus romances. Uma de suas obras mais conhecidas é *A*

amiga genial, que faz parte de uma série de quatro romances, com tradução de Maurício Santana Dias, que conta a história de duas amigas e suas trajetórias. Além deste, um outro livro também da mesma autora é *A filha perdida*, publicado no Brasil em 2016 com a tradução de Marcello Lino. Neste último volume, a personagem Leda se vê diante de questões existenciais quando decide passar as férias no sul da Itália e se aproxima de uma família napolitana, particularmente de Nina, mãe da pequena Elena. O contato com a jovem mãe napolitana faz com que Leda repense sobre sua própria maternidade.

Pensando em uma Itália em conflito em época mais recente, temo



o Roberto Saviano (1979), que publica em 2016 o livro *Os meninos de Nápoles*, traduzido em 2019 por Solange Pinheiro. No romance, Saviano mostra como jovens pobres se transformam em adolescentes envolvidos com a máfia, tendo a situação agravada pelo exibicionismo nas redes sociais ao compartilhar dos crimes para alimentar a máquina de *likes* alheia ao tipo de conteúdo produzido. A história teve tamanha repercussão que foi tema para um filme com o mesmo título.

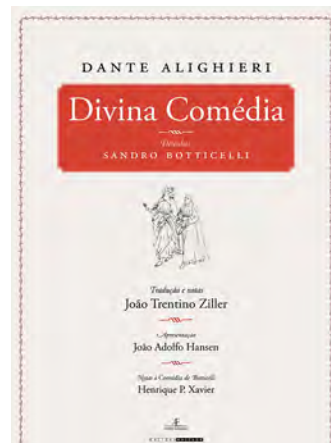
Os long-sellers

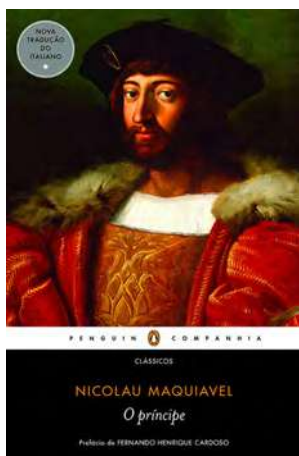
Os long-sellers são livros que sobrevivem ao longo do tempo. Ou seja, são títulos que estão sempre vendendo bem e por consequência recebem novas edições e atualizações. Diferente dos best-sellers que explodem e vendem por um determinado período de tempo, a venda constante dos long-sellers permite que eles sejam ainda mais desejados pelas editoras.

Alguns nomes como Dante Alighieri (*A Divina Comédia*), Giovanni Boccaccio (*O Decamerão*), Luigi Pirandello (*O Falecido Mattia Pascal e Um, nenhum e cem mil*) e Umberto Eco (*O nome da rosa*) são facilmente encontrados nas mais diversas edições.

Dante Alighieri (1265 – 1321), nasceu em Florença, e é até hoje considerado um dos pilares da literatura ocidental. Escreveu importantes obras, em latim e italiano vulgar, que influenciaram fortemente sua época. A *Divina Comédia*, sua obra-prima, descreve uma viagem pelo “Inferno”, pelo “Purgatório” e pelo “Paraíso”. O “Inferno” costuma ser o mais lembrado, justamente por refletir sobre as mazelas e as paixões humanas na assim chamada “Idade das Trevas” (Idade Média), em que viveu Dante. A obra ainda hoje suscita muitas discussões e, no Brasil, novas traduções e edições chegam para compor os estudos dantescos. Sua primeira tradução completa remonta a 1907 e foi feita pelo Barão da Villa da Barra, a mais recente é de João Trentino Ziller e foi publicada em coedição entre o Ateliê Editorial e a Unicamp em 2011, com ilustrações de Sandro Botticelli.

Giovanni Boccaccio (1313 - 1374) escreveu uma das maiores obras para a formação da literatura italiana: *Decameron* (1349-52). Esta obra marca o fim de uma moral medieval e inaugura o realismo na Itália, onde são narrados em cem contos (ou novelas) a vida terrena sob a peste ne-





gra que assediou Florença. A obra penetra nos valores do homem, como a luxúria e o ascetismo, pondo a nu a natureza humana.

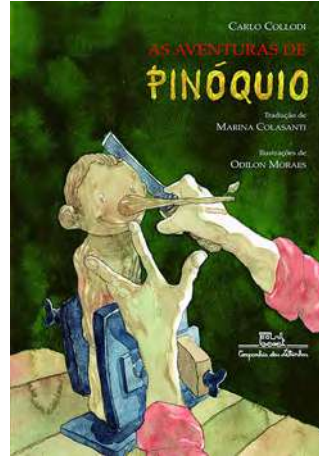
Em 1956, sai no Brasil a primeira tradução integral de *O Decamerão*, traduzida por Raul de Polilo (que recebeu nova edição em box, dois volumes, pela editora Nova Fronteira, em 2018). A obra também foi adaptada ao cinema pelo poeta e diretor Pier Paolo Pasolini, em 1971, e pelos Fratelli Taviani, em 2015.

Nicolau Maquiavel (1469 – 1527), filósofo, historiador e diplomata de origem florentina, é o autor de *O Príncipe*, sua obra mais conhecida e traduzida, não só no Brasil, escrita em 1513 e publicada postumamente em 1532. Nela, o autor discursa sobre ética, moral e política no Estado, em uma perspectiva considerada inovadora para a época. Maquiavel é reconhecido como fundador da ciência política moderna. A mais recente tradução de *O Príncipe* foi feita por Maurício Santana Dias para a Penguin Books em 2010.

Luigi Pirandello (1867 – 1936) foi um dramaturgo, poeta e romanista siciliano. Um dos mais importantes e inovadores escritores do século XX, recebeu o Nobel de Literatura em 1934. Sua obra é composta por 44 peças de teatro, 6 livros de poesia, 7 romances e 244 contos (ou novelas, como ele definiu). Sua obra em prosa vem sendo traduzida no Brasil desde 1925 com a tradução de Francisco Pati para uma antologia de novelas. Entre os romances, podemos citar as traduções de *O falecido Mattia Pascal* (Nova Alexandria, 2007) e *O marido dela* (Mediaset, 2016), traduzidos por Francisco Degani, e *Um, nenhum e cem mil*, com traduções de Maurício Santa na Dias (Cosac&Naigy, 2001) e Francisco Degani (nova Alexandria, 2019).

Literatura infanto-juvenil

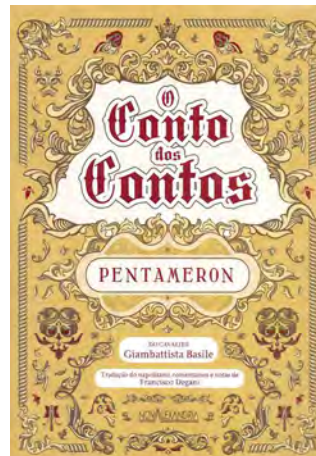
Ao pensarmos no *Era uma vez...* das histórias infantis, o boneco travesso chamado Pinóquio logo vem em mente. Dentre as obras da literatura infantil italiana traduzidas, ela se encontra entre as mais lidas pelo público brasileiro. Mas, no mercado editorial, as traduções de obras infantis não se restringiram apenas ao *Pinóquio* (1881) de Carlo Collodi (1826 - 1890) ou à *Coração* (1886) de Edmondo de Amicis (1846 - 1908). A tradição italiana dos contos de fadas, nascida em meados do século XVII, traz consigo a narração moral, que terá o seu ápice nos séculos sucessivos com os romances de formação.



O início das fábulas

Giambattista Basile (1566 - 1632), considerado o precursor das fábulas europeias, teve o seu *O conto dos contos - O entretenimento dos pequeninos* publicado pela editora Nova Alexandria, com tradução de Francisco Degani, em 2018. Escrito em napolitano para entretenimento da corte, o livro inspirou mestres da literatura infantil como os irmãos Grimm e Charles Perrault, ou do desenho animado como Walt Disney.

Nos cinquenta contos encontramos ogros horrendos de bom coração,



donzelas não muito castas, príncipes valentes e princesas mimadas, dragões malvados, rapazes tolos, mas audazes, animais falantes, belíssimas fadas, reis e rainhas são elevados pela primeira vez à personagens da literatura. Entrar no mundo mágico e exuberante de Basile é participar do maravilhoso e do atemporal, do fascínio de quase quatrocentos anos de literatura.

Gian Burrasca, o rebelde.



Publicado no Brasil em 2012 pela editora Autêntica, e traduzido por Reginaldo Francisco, *O diário de Gian Burrasca*, de Vamba pseudônimo de Luigi Bertelli (1858 - 1920) – conta a história de um garoto rebelde (*burrasca* significa tempestade) de nove anos, que a educação da família e da escola não são suficientes para domá-lo.

Questionador das injustiças cometidas pelos pais muito severos, precoce e inteligente, Gian Burrasca pertence a um período em que os pais impunham respeito pelo medo e pelas ameaças, e não pela coerência de suas atitudes. A obra, publicada em 1906/1907, continua muito atual ao evidenciar as contradições do “jogo social” adulto frente ao mundo das crianças, que com suas verdades inconvenientes demonstram a sinceridade.

Piratas do mar de Salgari

Ao criar fantasias e aventuras, Emilio Salgari (1862-1911) reconstruía cenários inspirados por mapas e enciclopédias, destacando características locais exóticas em suas narrativas. Suas histórias são permeadas por valores humanos como a amizade, a justiça e a defesa da

liberdade. Sandokan é o herói de 11 aventuras do autor, sendo representado também em uma série televisiva da emissora italiana RAI.

O personagem possui origens na realeza, e teve a sua família assassinada. A fim de restabelecer ordem e promover a justiça através de seus combates, transformou-se então em um astuto pirata.

As montanhas de Buzzati

Escrito e ilustrado por Dino Buzzati (1906 - 1972), o romance *A famosa invasão dos ursos* na Sicília foi o único livro infantil do autor. Publicada em 2011 no Brasil pela Editora Berlandis & Vertecchia, com tradução de Nilson Moulin, a obra teve adaptações teatrais e cinematográficas, abordando questões humanas profundas.

Ambientada entre as montanhas e a planície, a narrativa demonstra os contrastes entre o modo de vida na natureza e a deturpação dos valores humanos, muitas vezes presente nas cidades.



Fábulas de Rodari

Gianni Rodari (1920-1980), renovador da literatura infantil na Itália, possui diversos títulos traduzidos no Brasil, como por exemplo: *Um bolo no céu*, *A guerra dos sinos*, *Agente X-99: histórias vindas do espaço*, *O homem da chuva*, *O homem do sonho*, *Tonico o invisível*, todos publicados pela Editora Biruta, com tradução de Francisco Degani.

A obra *Fábulas por telefone*, composta por 70 fábulas atemporais, foi publicada pela primeira vez em 1962 e traduzida no Brasil por Silvana Cobucci Leite, com publicações pela Editora Martins Fontes e Editora 34 em 2006 e 2018, respectivamente. As fábulas são contadas pelo representante comercial Bianchi di Varese, que, obrigado a viajar toda a semana, liga todas as noites à filha para lhe contar histórias. Com jogos linguísticos e o estímulo a novos olhares, Rodari inspira o leitor a refletir acerca da realidade contemporânea através das fábulas.



Poesia

Dante e Petrarca são grandes nomes que marcam o início da escrita em verso em italiano e são também duas referências para toda a produção até os nossos dias. Uma língua mais impura e outra mais pura. O famoso *incipit* “*Nel mezzo del cammin di nostra vita*” por aqui ecoa nos versos de Drummond “No meio do caminho tinha uma pedra / Tinha uma pedra no meio do caminho”. Ariosto (*Orlando Furioso*), Tasso (*Jerusalém libertada*), continuam certa tradição que chega até nós em diferentes traduções e reescritas.

O verso “*Sempre caro mi fu quest’ermo colle*” de Leopardi (*Os Cantos*) recebeu diversas leituras: de Aloysio de Castro, que é, em 1937, um dos primeiros a se dedicar aos versos do “Infinito”, a Mário Faustino, de Haroldo de Campos, Henriqueta Lisboa, Vinícius de Moraes, Maurício Santana Dias a Ivo Barroso, em 1996. A relação com a Vanguarda Futurista é outro momento importante das relações poéticas entre Itália e Brasil.

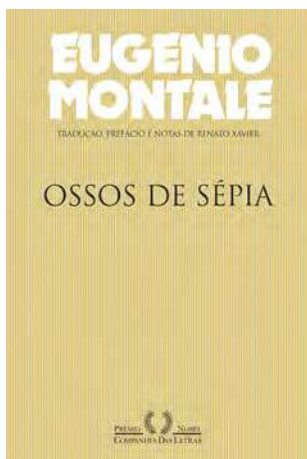
As duas viagens de Marinetti ao Brasil, em 1926 e 1936, movimentaram as páginas dos jornais por aqui. Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda dentre outros intelectuais modernistas, travaram diálogos importantes que estão registrados em artigos, cartas e também em algumas polêmicas que fazem parte da nossa história.



1937 também é um ano significativo pela vinda do poeta Giuseppe Ungaretti, junto com as missões italiana e francesa, para atuar na recém-criada Universidade de São Paulo. Experiência mais do que significativa: encontro com poetas brasileiros, abertura para outras sensibilidades e a perda do filho. Como ele mesmo afirma: “Havia um território imenso da linguagem humana que das tradições indígenas, europeias, africanas extraía uma síntese já admirável”. A antologia *Daquela estrela à outra* abarca toda sua trajetória poética, inclusive os poemas de *A dor*, escritos no período brasileiro, mas publicados quando volta para Itália. Na geografia desse poeta “do exílio”, o Brasil passa a

ser mais uma de suas pátrias, como fica registrado em seus poemas. No seu retorno, será um importante mediador entre os dois países, prefaciando, traduzindo e divulgando a cultura brasileira. Giuseppe Ungaretti, Eugenio Montale (*Ossos de sépia*) e Umberto Saba (*O homem e os animais*) formam uma espécie de tríade da primeira metade do século XX. O fragmentarismo dos versos em Ungaretti; o nada e o “*male di vivere*” em Montale, os hendecassílabos e as rimas simples de Saba, delinham linhas de força e tendências da poesia italiana,

que vão deixando rastros nos poetas da segunda metade do século XX e do século XXI. Em “Os Limões”, primeiro poema de *Ossos de Sépia*, Montale já marca um posicionamento diante da linguagem poética, distanciando-se dos “poetas laureados” que tendem as plantas de nomes pouco usados, ele prefere os caminhos “que levam às agrestes / valas aonde em poças / já meio secas rapazes apanham / alguma enguia miúda”. São tentativas de tocar e adentrar na “máquina do mundo”.



Literatura, Cinema e TV

O diálogo entre cinema, televisão e literatura é uma constante, pois as artes visuais se voltam para a literatura em busca de histórias para contar, e isso não é diferente na Itália. Já nos anos 1950 as aventuras do padre Don Camillo, personagem criado por Giovanni Guareschi, foram levadas às telas do cinema. Julien Duvivier dirigiu *O pequeno mundo de Don Camilo* em 1952 e *O regresso de Don Camilo* em 1953. As adaptações continuaram até 1972, quando Mario Camerini dirigiu *Don Camilo e os cabeludos*. No Brasil houve uma adaptação para a TV Tupi, em 1972, sob a forma de episódios semanais.

Deixando a comédia, encontramos em 1962 uma adaptação do livro *Senilidade*, de Italo Svevo, dirigida por Mauro Bolognini e que no Brasil recebeu o nome de *Desejo que atormenta*. *Senilidade* foi publicado no Brasil apenas em 1982, 20 anos após o lançamento do filme, com tradução de Ivo Barroso.

Italo Calvino, outro importante nome da literatura italiana, teve dois de seus contos, "A aventura de um soldado" e "A aventura de um esposo e uma esposa", publicados em *Os amores difíceis*, tradução de Raquel Ramallete, adaptados para o cinema em 1962. O primeiro, dirigido por Nino Manfredi, foi incluído no filme *Amores eróticos*, e o segundo está em *Boccaccio 70*, no segmento "Renzo e Luciana", dirigido por Mario Monicelli.

Os grandes diretores italianos não ignoraram sua literatura. Luchino Visconti dirigiu em 1963 *O leopardo*, de Giuseppe Tomasi di Lampedusa. Vittorio De Sica, por sua vez, dirigiu uma belíssima adaptação para o cinema da obra de Giorgio Bassani, *O jardim dos Finzi-Contini*, em 1970. E mais recentemente, em 1985, Mario Monicelli dirigiu *As duas vidas de Mattia Pascal*, uma adaptação de *O falecido Mattia Pascal*, de Luigi Pirandello.

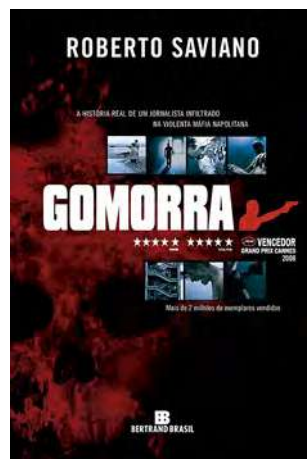
Com o passar das décadas, o cinema italiano foi ganhando espaço mundial com adaptações de obras italianas para as telas dos cinemas. Um exemplo é a obra de Alessandro Baricco, *Novocentos, um monólogo*

go (1994), monólogo teatral traduzido por Y. A. Figueiredo e que Giuseppe Tornatore transformou, quatro anos depois, no filme *A lenda do pianista do mar*.

Na primeira década de 2000 apareceram nas telas brasileiras dois longas metragens, que possuem duas características em comum: são fatos reais e denunciam a máfia italiana. Estes filmes são, respectivamente, *Eu não tenho medo* de Gabriele Salvatores (2003) e *Gomorra* de Matteo Garrone (2008); ambos os filmes possuem o mesmo título do romance adaptado. O primeiro, escrito por Niccolò Ammaniti (2003), traduzido por Roberta Barni, e o outro por Roberto Saviano, (2008), traduzido por Elaine Niccolai; por causa das denúncias contra as máfias italianas, Saviano é constantemente rodeado por autoridades de segurança, que o protegem de possíveis ataques por parte de mafiosos.

Mas filmes italianos são compostos, também, por histórias feitas de magia e criaturas fantásticas; em 2015, com Matteo Garrone, tornou-se possível assistir a três histórias, entrelaçadas entre si, da obra *O conto dos contos*, publicada no Brasil em 2018.

O filme, homônimo, estreou nos cinemas em 2016. Os longas-metragens não foram as únicas transposições de obras italianas, também as séries começaram a transformar em imagem os capítulos de livros famosos. De fato, a plataforma HBO Brasil lançou em 2018 a série *A amiga genial*, dirigida por Saverio Costanzo e inspirada na famosíssima tetralogia de Elena Ferrante.



Literatura e quadrinhos

As HQs possuem relações com a literatura, porém, por terem peculiar composição com imagens, textos e seus recursos característicos, dialogam intensamente com outras formas artísticas, como o cinema, o teatro e a ilustração. Os quadrinhos italianos, *fumetti* (nome que remete aos balões das HQs, em alusão à fumaça saindo da boca dos personagens), dos temas infantis aos eróticos, possuem um grande público leitor que foi se afirmando graças à intensificação das traduções publicadas a partir da década de 80.

A sexy Valentina

Valentina, personagem que dá nome aos quadrinhos, foi criada em 1965 por Guido Crepax (1933-2003), grande influenciador dos quadrinhos eróticos europeus. Considerada a mulher mais sexy do mundo das HQs, Valentina Rosselli, dona de um olhar sedutor, é caracterizada como uma mulher multifacetada, pois trabalha como jornalista, cuida da família e ao mesmo tempo vive em um mundo onírico no qual explora suas picantes fantasias sexuais.



Independente, misteriosa e, sobretudo, detentora de sua liberdade sexual, Valentina não se importava com a moral imposta pela sociedade. No Brasil, suas histórias foram publicadas pelas editoras L&PM e Conrad.



Fumetti



Fumetti – o melhor dos quadrinhos italianos (1993), publicado pela editora Globo, é uma coletânea das histórias em quadrinhos de uma das editoras mais importantes das HQs italianas, Sergio Bonelli Editore. Filho de Giovanni Luigi Bonelli, quadrinista e criador da editora, Sergio Bonelli (1932-2011) começa a publicar seus *fumetti* em 1954, escrevendo muitas vezes com pseudônimos.

Na coletânea brasileira se encontram os personagens célebres da editora italiana, como Tex, Mister No, Dylan Dog e Martin Mysterè. A edição, considerada uma preciosidade pelos admiradores das HQs, apresenta ainda uma entrevista com Sergio Bonelli.

O pirata Corto Maltese

Criado pelo italiano Hugo Pratt (1927-1995) em 1967, Corto Maltese é filho de um marinheiro e de uma cigana. Suas histórias de pirata trazem diversas referências a personagens e eventos históricos reais e se passam no início do século XX, sendo *A Balada do Mar Salgado* a sua aventura inaugural.



Em 2003 tornou-se protagonista de uma série televisiva de animação produzida em parceria entre Itália e França.

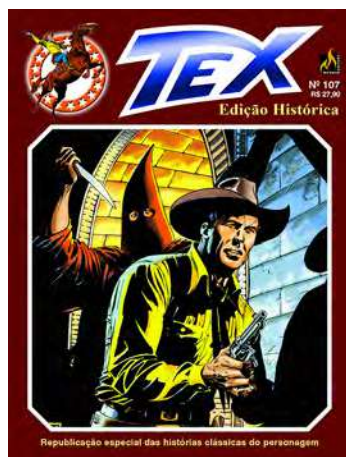
Uma das histórias de Maltese, *Sob o Signo de Capricórnio*, é ambientada na Bahia. Estreou no Brasil em 1977, no *Almanaque do Gibi Atualidade* da Editora RGE, sendo publicado posteriormente também pelas editoras L&PM, Pixel e Nemo.



Tex, o eterno cowboy

Giovanni Luigi Bonelli (1908-2001) e Aurelio Gallepini (1917-1994) criaram *Tex*, o cowboy mais famoso dos quadrinhos, publicado na Itália pela primeira vez em 1948. Desde 1951 é publicado mensalmente no Brasil, tendo passado por quatro editoras – Vecchi, RGE, Globo e Mythos – e se mantido com sucesso nas bancas de jornal brasileiras com as histórias do velho oeste americano. Dentre as suas adaptações, surgiram versões na forma de livro, filme e desenho animado.

Já o personagem, por sua vez, adaptou-se ao seu tempo de existência: como *Tex* interage com eventos históricos mais recentes, ultimamente os seus autores envelheceram os seus traços em alguns anos.



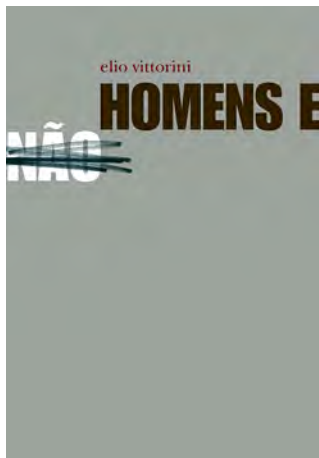
Literatura e Guerra

Conflitos, colisões, batalhas, guerras, guerras e mais guerras... Temas humanos, como também são amor, ódio, ciúmes, que aparecem desde o início de certa literatura, basta lembrar as célebres epopéias da *Iliada* à *Odisseia*, até chegar no renascimento aos *Lusíadas*. A literatura, sem dúvida, caminha junto aos acontecimentos sociais, políticos e culturais, faz parte deles, fala sobre eles, transfigurando-os. Muitas vezes é preciso de um distanciamento do real para que ele possa ser pensado e o plano da ficção, da arte em geral, é sempre muito rico. O século XX é marcado por duas grandes guerras e não é de se surpreender que uma vasta produção narrativa e poética olhe para esses acontecimentos.

Giuseppe Ungaretti (1888-1970), poeta e combatente na Primeira Guerra em seus primeiros poemas traz a marca dessa experiência ao intitular um poema "Soldados": "Se está como / no outono / sobre árvores / folhas", na trad. de Haroldo de Campos. A magnitude e os abalos da(s) guerra(s) deixam cicatrizes indelévels, que passam de geração para geração e também ficam registradas na escrita de poetas e escritores que sentem a exigência de falar sobre o que muitas vezes se apresenta como indizível.

ALBERI
SI STA
SUGLI
FOGLIE
COME
D'AUTUNNO
LE

Homens e não de Elio Vittorini é um dos primeiros romances a tratar do tema da *Resistenza*, que é a resistência feita por civis à



ocupação do território italiano pelos soldados alemães. Numa Milão semi-destruída, o personagem Ene2 – codinome para dificultar a identificação pelas milícias – enquanto atua com seus companheiros na linha de frente para liberar a cidade se envolve numa história de amor com Berta.

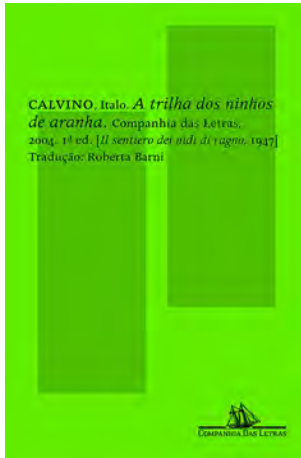
Falar da *Resistenza* significa falar de outro grande escritor, Beppe Fenoglio (1922-1963), com sua obra prima *Uma questão pessoal*, que não deixa de dialogar com os textos de Cesare Pavese (*A lua e as fogueiras*, *Trabalhar cansa*). O protagonista é Milton, um jovem partidário italiano, que está dividido entre o movimento de resistência e sua obsessão por Fulvia.



Italo Calvino em *A trilha dos ninhos de aranha* trata de questões éticas com um olhar crítico e uma visão anti heróica da guerra ao trazê-la para o primeiro plano por meio dos olhos inquietos de uma criança.

A vivência limite do campo de concentração é algo que marca a vida e a escrita de Primo Levi. *É isto um homem?* trata do dia a dia da vivência desumana no campo de concentração. *A trégua* e *Os afogados e os sobreviventes* são outros dois volumes que abordam a desumanização realizada pelo próprio homem.

“A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de



impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares.” (Primo Levi, *É isto um homem?*)

Pensar o século XX é (re)pensar esses momentos-limite da própria experiência humana, que encontra formas outras para falar sobre o que parece ser impossível de se falar.

E ainda hoje, os conflitos assolam nossos dias,

Indago se nos ossos crescerá o coral
 e o que será do sangue dentro do sal,
 então estudo – procuro nos velhos livros
 de medicina legal de meu pai –
 um manual onde as vítimas
 são fotografadas junto com criminosos
 em desordem: suicidas, assassinos, órgãos genitais.
 Nada de paisagens só o céu de aço das fotos,
 raramente uma cadeira um torso coberto por um lençol,
 os pés em cima de uma maca, nus.

Leio. Descubro que o termo exato é *livor mortis*.
O sangue se acumula em baixo e coagula
antes rubro depois roxo, enfim, se torna pó
e pode, sim, se dissolver no sal.

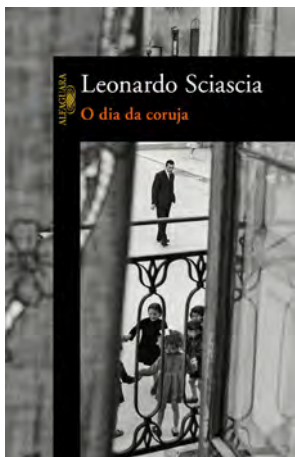
(Antonella Anedda, *Vozes*, 2017)



Barca Nostra de Christoph Büchel, Biennale di Venezia 2019

Romances policiais

Quando falamos de romances policiais italianos traduzidos no Brasil, dois escritores sicilianos se destacam: Leonardo Sciascia (1921-1989) e Andrea Camilleri (1925-2019). Apesar de contemporâneos, e de ambientarem as histórias na Sicília, suas obras têm propostas diversas.



Os romances policiais, em geral, tratam de crimes; o diferencial de Sciascia são as denúncias sobre os crimes da máfia. O primeiro deles, e com certeza seu livro mais conhecido fora da Itália, é *O dia da coruja* que foi publicado em 1961. A morte de Accursio Miraglia pela organização *Cosa Nostra* inspirou o romance. Mais tarde, em 1966, Sciascia escreveu *A cada um o seu*, dessa vez baseado no assassinato de dois cidadãos de Agrigento - também pela Máfia. Em seu terceiro livro policial, *O contexto*, Sciascia não explicita em que país a história ocorre, mas as indicações geográficas e os fatos apontam para a Itália, e mais especificamente para a Sicília. Sciascia aqui fala dos assassinatos de uma série de personagens públicos.

No Brasil, sob o selo Coleção Negra, desconsiderando a linha cronológica, a editora Record publicou diversos livros da serie Montalbano. Salvo Montalbano é um personagem criado por Camilleri, autor que adota uma abordagem em seus romances destacando a caracterização de seus personagens de forma quase pitoresca. As histórias se passam na cidade fictícia de Vigàta, localizada no litoral. Camilleri ainda escreveu um romance policial a quatro mãos com Carlo Lucarelli. Enquanto Camilleri cria o policial ético e incorruptível Salvo Montalbano, Carlo Lucarelli cria a detetive Grazia Negro. Montalbano e Grazia Negro protagonizam *Água na boca*, solucionando um homicídio.

Morte à espreita

No início do terceiro milênio, o *thriller* ou suspense policial continua a ser um gênero muito apreciado pelo leitor brasileiro. Dentre os escritores italianos que prendem o público com romances imersos no universo da criminologia, destaca-se Giorgio Faletti, que foi traduzido no Brasil recentemente. Com mais de 4 milhões de exemplares vendidos no mundo, o principal trabalho desse autor é a obra *Eu mato* (Editora Intrínseca, 2010), lançada na Itália no ano de 2002 e que permaneceu por mais de um ano na lista dos mais vendidos. Sabe-se que além desse título, outros dois: *Memórias de Um Vendedor de Mulheres* e *Eu sou Deus*, foram traduzidos no Brasil por, respectivamente, Marcello Lino e Eliana Aguiar. Segundo a crítica do jornal *Corriere della Sera* (2008) tal qual Sergio Leone, Giorgio Faletti inventou o seu *spaghetti*, não um *western*, mas um *spaghetti thriller*, renovando assim todo o tradicional mundo editorial e literário italiano. Ao conceber essa inovação demonstrou sua capacidade de fazer tudo e mais um pouco.

Além desse autor, Donato Carrisi também escreve *thrillers* arrebatadores. Especializado em comportamentologia e criminologia, suas obras são vendidas em mais de trinta países. No Brasil, seu primeiro romance publicado foi *O aliciador*, no qual uma equipe de policiais se depara com um caso perturbador. Posteriormente, publicou-se também *O tribunal das almas*. A tradução dos dois romances foi realizada por Eliana Aguiar e Aline Leal, respectivamente. Por fim, ressalta-se que morte, tensão e suspense fazem parte desse universo sangrento composto por *serial killers*, assassinos, investigadores, vítimas e outros personagens que enredam a eterna luta entre o bem e o mal.

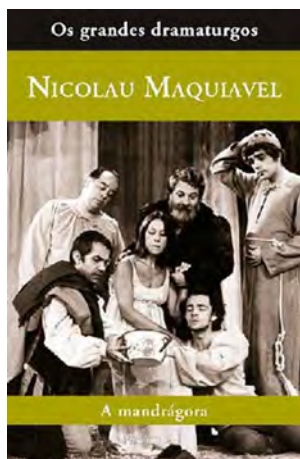


Literatura e teatro

As obras escritas para teatro têm poucas publicações no Brasil, apesar de dramaturgos italianos como Dario Fo ou Pier Paolo Pasolini sempre serem representados aqui. Em geral, a cada representação é feita uma nova tradução em função do espaço cênico a ser utilizado, da ênfase que o diretor deseja dar ao espetáculo e do grupo teatral, de modo que as peças, que recebem uma publicação em livro são aquelas consagradas pela crítica literária como fundamentais na história do teatro e que já se tornaram, digamos, "literatura". Devemos lembrar que isto não se dá apenas com a dramaturgia italiana, mas é uma constante da dramaturgia mundial.

Entre os dramaturgos publicados, encontramos primeiramente Carlo Goldoni (1707-1793). Dramaturgo responsável pelo desenvolvimento de uma nova comédia italiana, até então ligada ao texto improvisado, às máscaras e personagens estereotipados da "Commedia dell'arte". Em 1965 a editora Brasiliense lançou a peça *Mirandolina*, posteriormente lançada pela Ediouro (1988) sob o título *Mirandolina a hoteleira*, sem informação sobre a tradução. Também de Goldoni temos *Arlequim, servidor de dois amos* (1977 e 1987) lançado pelo Grupo Abril, com tradução de Elvira Ricci. A editora Peixoto Neto relançou a mesma tradução em 2007, sob o título *Arlequim, servidor de dois patrões*.

Já Nicolau Maquiavel (1469-1527), mais conhecido como autor de *O príncipe*, teve sua peça *A mandrágora* publicada pela primeira vez no Brasil em 1976 pelo Grupo Abril com tradução de Mario da Silva, e mais recentemente (2004) pela editora Peixoto Neto, com a mesma tradução. Vale ressaltar a montagem da peça pelo Grupo Tapa, de São Paulo, em 2015.



O mais conhecido dramaturgo italiano no Brasil é Luigi Pirandello, suas obras para teatro foram representadas quase ao mesmo tempo das representações na Itália. Inicialmente por companhias italianas em turnê, inclusive a companhia Teatro d'Arte, do próprio Pirandello, em 1925. No entanto, a primeira tradução de uma sua obra para teatro vai acontecer apenas em 1966, com a peça *Vestir os nus*, tradução de Ruggero Jacobbi, publicada pela editora Brasiliense e, posteriormente pela editora Record/Civilização Brasileira, com tradução de Millôr Fernandes, em 2007.

Seis personagens em busca de autor, sua peça mais famosa, representada aqui em 1951 por atores do calibre de Cacilda Becker e Paulo Autran, só foi publicada em volume em 1977, pelo Grupo Abril, com tradução de Brutus Pedreira e depois pela Peixoto Neto em 2004, com tradução de Sergio Flacksman, sob o título *Seis personagens à procura de autor: comédia a ser criada*.

A peça de Pirandello mais representada no Brasil é *Assim é se lhes parece*, já tendo sido montada por Procópio Ferreira em 1922, e que teve sua mais recente montagem entre 2014 e 2017, com direção de Marco Antônio Pâmio, mas publicada somente em 2011 pela editora Tordesilhas com tradução de Sergio Nunes Melo.

Podemos ainda citar outras traduções do dramaturgo siciliano como: *Os gigantes da montanha* (2005) traduzido por Betti Rabetti e montada em 2013 pelo Grupo Galpão de Belo Horizonte; *O Enxerto/O homem, a besta e a virtude* (2003), traduzidas por Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade; *A razão dos outros* (2009), tradução de Davi Pessoa.



Literatura e fantasia

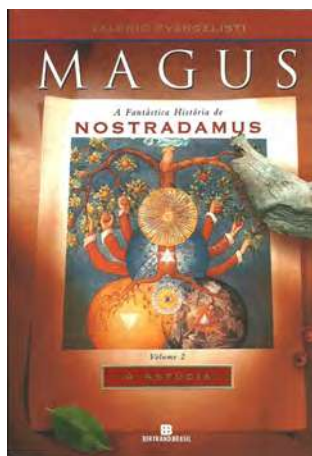
Fantasia é um gênero literário que prevê liberdade para a invenção dos acontecimentos, personagens, locais e no qual as leis da física podem ser alteradas ou ignoradas — o que é, muitas vezes, atribuído à magia. Por estas características, é comum misturar-se ao fantástico, gênero que também explora os limites da imaginação. Italo Calvino, em conferência proferida na Universidade Internacional de Menéndez Pelayo, distingue o fantástico, que “implica uma dimensão interior, uma vacilação entre o ver e o crer”, como nas aparições fantasmagóricas das *ghost stories* inglesas, por exemplo, e o maravilhoso, próprio da fantasia, no qual se aceita o inverossímil e o inexplicável como naturais, que enquadra os contos de fada.



Ainda nesta conferência, Calvino defende que fantasia e fantástico não tiveram papel de grande destaque na Itália a partir do século XVIII, porém, resalta que ainda existiram alguns representantes. Para mencionar alguns títulos e autores citados pelo próprio Calvino, temos: *Pinóquio* (1882) de Carlo Collodi, cuja primeira tradução (adaptação) foi feita por Monteiro Lobato em 1933; Dino Buzzati, de autor de *A famosa invasão dos ursos na Sicília*, traduzido por Nilson Moulin, livro para crianças entre o fabular

e a fantasia e o não menos fantasioso *O deserto dos tártaros*, traduzido por Aurora Feroni Bernardini e Homero Freitas de Andrade.

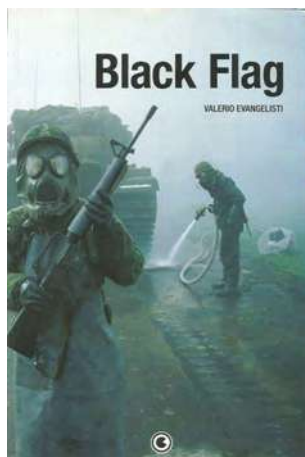
Vanni Santoni, escritor italiano, em artigo para o jornal *Corriere della Sera*, buscou estabelecer um diagnóstico sobre o gênero, levantando três nomes que considera importantes no que ele chama de “renascimento do fantástico”: Francesco Barbi, Francesco Dimitri e Valerio Evangelisti. Apesar de o artigo dar mais destaque aos dois primeiros,



apenas Evangelisti se encontra traduzido no Brasil com quatro obras: a trilogia. *A Fantástica História de Nostradamus* (2001 - 2002), *Black Flag* (2005), *O Inquisidor* (2006) e *As correntes da inquisição* (2007) traduzido por Romana Ghirotti Prado.

Para além desses nomes ainda em atividade, Santoni chama atenção para outros que escreveram obras fantásticas e de fantasia na Itália, entre estes o próprio Ítalo Calvino — que além de escrever sobre o gênero, também possui obras que se relacionam com Santoni, afinal, uma armadura vazia que anda é o notável personagem de *O cavaleiro inexistente*, tradução de Nilson Moulin —, e mais alguns, como Alberto Savinio — que se destaca por ter seu romance *A casa assombrada* traduzido no Brasil por Wilma Lucchesi, em 1988.

Por fim, é interessante notar também o direcionamento do mercado editorial, que tende a publicar obras de fantasia visando o público infanto-juvenil, seguindo sucessos comerciais como a saga inglesa *Harry Potter*, como é o caso de *O Rei Negro* de Mark Menozzi, lançado no Brasil em 2013 com tradução de Ana Maria Chiarini e Diego Silveira Correia Ferreira.



Because my name is... Giorgio

Giorgio não é um nome muito popular na Itália. Calcula-se que atualmente ocupa apenas o 35º lugar na classificação dos mais difundidos. No entanto, o campo da arte reverte surpreendentemente essa tendência. Algum exemplo? Giorgio de Chirico, grande pintor do séc. XX (aliás, estima-se que foi o mais bem sucedido em termos de valor de obras vendidas) ou Giorgio Morandi, outro grande pintor, famoso por seus objetos e naturezas-mortas. Ainda, dispensa apresentações o internacionalmente reconhecido estilista Giorgio Armani, assim como o principal filósofo italiano da atualidade, Giorgio Agamben. E o âmbito literário só reforça esse resultado.

Podemos começar vendo *A célebre vida dos artistas* (no original, *Le vite de' più eccellenti pittori, scultori e architettori*, 1550) de Giorgio Vasari, best-seller do Renascimento e fonte imprescindível para adentrar na biografia dos maiores protagonistas da vida cultural da época. A Martins Fontes, com tradução de Ivone C. Benedetti, trouxe essa obra-prima para o mercado editorial brasileiro em 2011.

Mas é o século XX que abarca uma concentração impressionante de Giorgios, até mesmo pelo peso que esses autores têm no panorama literário do *bel-paese*. Bassani, para começar, lembrado principalmente como autor do romance de sucesso mundial, *O Jardim dos Finzi-Contini*, que também inspirou o filme homônimo de Vittorio

GHIRLANDAIO • UC
BRUNELLESCHI • MIC
ICESCA • FILARETE • AL
DEL
LI • V
CCHI
COR
DLIN
LLO • MICHELANGELO
RONZINO • UCCELLO •
GNORELLI • PERUGIN
ICCIO • CORREGGIO •



De Sica. Publicado originalmente em 1962, o livro foi traduzido por aqui por Sandra Lazzarini e editado pela Record e Rio Gráfica.

Em seguida temos Caproni, por muitos considerado o maior poeta do segundo Pós-guerra na Itália, que ainda não teve no Brasil a repercussão merecida. Parte de seus poemas chegaram até nós somente em 2001, graças a *A coisa perdida: Agamben comenta Caproni*, com tradução de Aurora F. Bernardini e publicado pela editora da UFSC.

Voltando à narrativa, ainda que experimental, é o caso de citar o quase “intraduzível” Manganelli, que mesmo assim ganhou três traduções: *Hilaro-tragoedia* (Imago 1993, trad. Nilson Moulin), *Centúria* (Iluminuras 1995, trad. Roberta Barni) e *Pinóquio: um livro paralelo* (Cia. das Letras 2002, trad. Eduardo Brandão).

Finalmente, cabe lembrar a extraordinária trajetória de um humorista que se tornou, já em uma fase avançada da carreira, autor de policiais de sucesso, vendendo milhões de cópias na Itália e tendo certo sucesso também no Brasil. Trata-se de Giorgio Faletti, do qual a Intrínseca publicou *Eu mato* (2010, trad. Eliana Aguiar), *Eu sou Deus* (2011, trad. Eliana Aguiar) e *Memórias de um vendedor de mulheres* (2012, trad. Marcello Lino).

Então, dá para explicar um fenômeno onomástico tão curioso, essa recorrência de Giorgio na literatura italiana? Não, ou talvez sim. Bastaria simplesmente dar uma resposta autoexplicativa, tomando emprestado um fragmento do Ricardo III de Shakespeare: “Because my name is George”.



Literatura e migração

Tendo em vista a magnitude da emigração na história da Itália, é evidente que no passado os escritores da Península não lhe conferiram

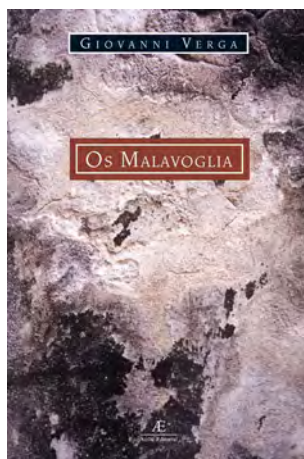


a devida atenção. Hoje, além de a emigração italiana ser o foco de vários lançamentos, a imigração para a Itália também adquire protagonismo – como em *Existem crocodilos no mar*, de Fabio Geda, traduzido por Joana Angélica d'Ávila (Editora Objetiva, 2011). O livro narra a história verdadeira do menino afegão Enaiatollah Akbari, que deixou seu país natal e chegou à Itália depois de uma longa e atribulada viagem.

Algumas obras do Dicionário de Literatura Italiana Traduzida no Brasil perpassam a emigração. É o caso de *Os Malavoglia*,

de Giovanni Verga, lançada em 2002 pela Ateliê Editorial e relançada pela Abril Cultural em 2010, com tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Ou ainda de *Caniços ao Vento*, de Grazia Deledda, romance traduzido por Mario de Murtas e publicado pela Editora Delta, em 1964, e pela Opera Mundi, em 1973. Em *Os Malavoglia* (1881), o jovem 'Ntoni personifica as razões que induziam um número cada vez maior de sicilianos a rumar para a América. A emigração é um vago propósito de 'Ntoni. Ao leitor resta a dúvida: sua partida é um gesto de esperança? Ou uma condenação?

Já em *Caniços ao Vento* aparece nas conversas dos moradores do vilarejo de Galte, na Sardenha: "A América? Quem



não a experimenta não sabe o que é. De longe parece um carneiro que precisa ser tosquiado, mas de perto morde como um cão”.

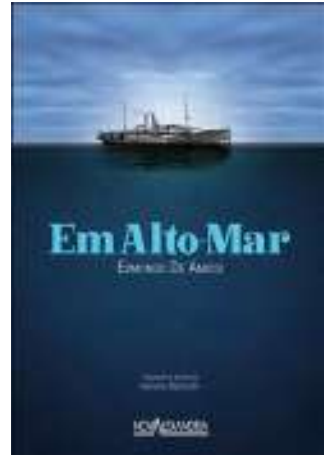
A emigração também subjaz *A lua e as fogueiras*, de Cesare Pavese,



romance traduzido por Sérgio Lamarão (Editora Guanabara Dois, 1986) e por Liliana Laganá (Berlendis & Vertecchia, 2002). Anguilla, o protagonista, emigra para os Estados Unidos antes da Segunda Guerra. Movido pela saudade, volta para a cidadezinha natal no dia seguinte à liberação do nazifascismo. A trama de *A lua e as fogueiras* é tecida de guerra *partigiana*, amizade, sensualidade e morte. É considerado o melhor livro de Pavese.

Já a novela *Dos Apeninos aos Andes*, e o romance *Em Alto-Mar*, de Edmondo De Amicis, giram em torno da emigração.

A novela conta as peripécias de um menino de 11 anos que viaja sozinho para a Argentina à procura da mãe emigrada: uma busca incessante que parece não ter fim. Faz parte do livro *Coração*, traduzido por João Ribeiro (Livraria Francisco Alves, 1925; Livraria Francisco Alves/Editora Paulo de Azevedo, 1959 e 1964), Osmar Barbosa (Tecnoprint, 1970) e Nelson Moulin (Cosac & Naify, 2011). Por sua vez, toda a narrativa de *Em Alto-Mar* se desenrola a bordo de um navio que transporta 1.600 emigrantes italianos com destino à Argentina. O autor estava na primeira classe.

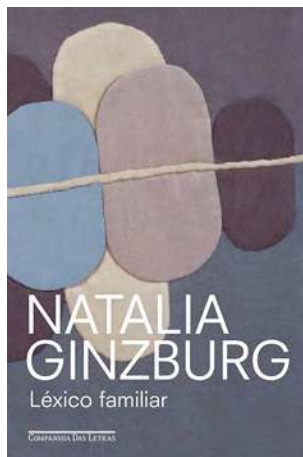


Em Alto-Mar foi lançado em 2017 (Nova Alexandria/Istituto Italiano di Cultura de São Paulo). A tradução, realizada com o apoio do Proac/SP, é de Adriana Marcolini. É o primeiro romance da emigração italiana.

Elas na literatura

Natalia Ginzburg (1916-1991)

Dona de uma sólida e merecida reputação na literatura italiana Natalia Ginzburg é traduzida no Brasil desde os anos 1960. Recentemente recebeu novas edições, na tradução de Homero Freitas de Andrade, com excelente aparato crítico. Entre elas destacam-se *Caro Michele*, *Léxico familiar* e *A família Manzoni* publicados pela Companhia das Letras.



Elsa Morante (1912 - 1985)

Considerada uma das mais importantes escritoras do século XX, iniciou muito jovem a escrever as suas primeiras histórias em revistas e jornais. Em 1957, publicou *A ilha de Arturo*, traduzido apenas em 2003 por Loredana Caprara e mais recentemente em 2019 por Roberta Barni. *A história* (1974) foi publicada no Brasil pelo Círculo do livro com tradução de Wilma de Freitas.

Novíssimas: As recém-traduzidas

Igiaba Scego, nascida em Roma e filha de imigrantes somalis, é hoje a maior representante de uma nova literatura, permeada pelos temas da imigração, do diálogo entre as culturas, enfim, pelas temáticas sociais e raciais que afetam, até de forma dramática, a sociedade italiana do séc. XXI.

Scego já conta com três traduções no Brasil, feitas por Francesca Cricelli e publicadas em 2018, *Adua*, *Caminhando contra o vento* e *Minha*

casa é onde estou, que tratam de preconceitos raciais, cultura africana, pós-colonialismo, disparidade social, apresentando até uma incursão na música brasileira.

Donatella Di Pietrantonio

Nascida em 1963, a autora vive em Penne onde concilia a escrita com seu trabalho como dentista pediátrica. Escreve contos, fábulas, poemas e romances desde os nove anos. *A devolvida*, sua primeira obra traduzida no Brasil, por Mario Bresighello, foi publicada pela Faro Editorial em 2019.

As esquecidas

Alba de Cespedes: outra figura muito interessante, de intelectual engajada, partigiana na resistência romana, jornalista, autora de romances, contos e poesia (seus romances deram origem a filmes de Antonioni e Giraldi). Prova de um prestígio reconquistado, a editora Mondadori lhe dedicou em 2011 um precioso Meridiano, que contém quatro romances, aos cuidados de Marina Zancan, reconhecida estudiosa de escritas femininas. No Brasil, foram publicados, mas já fora de circulação, o importante *Ninguém volta atrás* (trad. Augusto de Souza, Instituto Progresso, 1947, e posteriormente pela. Civilização Brasileira, 1962) e *Caderno proibido* (trad. Carla Inama de Queiroz, Ed. Civilização Brasileira, 1962).

Anna Maria Ortese, uma das mais importantes escritoras italianas do século XX, conta apenas com uma obra traduzida no Brasil, *O pássaro da dor*, trad. de Nilson Moulin, Companhia das Letras, 1995. Estreou na literatura em 1937 com *Angelici dolori*. É autora de *Il mare non bagna Napoli* (1953), coletânea de contos e outros escritos.



Curadores e Equipe:

Andrea Santurbano
Francisco Degani
Lucia Wataghin
Patricia Peterle

Adriana Marcolini
Caroline Weiss
Clara Andrade de Souza Vieira
Dayana Loverro
Fabiana V. Assini
Gislene Ribeiro
Helena Bressan Carminati
Iago Bruno Monteiro dos Santos
Laura Ferreira
Leila Marangon
Lian Kelli Tedesco
Lucas de Souza Serafim
Luiza Kaviski Faccio
Maria Amélia Dionísio
Maria Luiza dos Anjos
Mariele Lúcia Tortelli
Marika Avezzù
Nirvana Dornelles
Rodrigo Moreira da Silva
Sara Debenedetti
Victor Rafael Gonçalves Bento